

Traços estereotípicos associados a pessoas jovens e idosas em Portugal

Sibila Marques

Maria Luísa Lima

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Portugal

Rosa Novo

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Portugal

Resumo

O objectivo geral deste trabalho foi o de recolher os atributos estereotípicos do grupo das pessoas jovens e idosas em Portugal. Foi conduzido um estudo em que se procedeu ao controlo do sexo dos alvos e da pertença etária dos participantes. Na primeira fase do estudo, 67 pessoas jovens e 85 pessoas idosas realizaram uma tarefa de geração espontânea de traços culturalmente associados a pessoas jovens e idosas de ambos os sexos. No segunda fase do estudo, 62 pessoas jovens e 62 pessoas idosas avaliaram a estereotipicidade e a valência dos traços recolhidos na primeira fase e ainda de outros identificados a partir da revisão da literatura sobre estereótipos etários. Os resultados permitiram identificar os atributos culturalmente associados às pessoas jovens e idosas portuguesas e revelaram que existe consenso nas avaliações estereotípicas dos inquiridos jovens e idosos.

Palavras-chave: Estereótipos, Idade, Portugueses.

Abstract

The main goal of this study was to assess the stereotypical attributes of young and old people in Portugal. One study was conducted in which gender of the targets and age of the participants were controlled. In Phase 1, 67 young and 85 old individuals participated in a spontaneous trait generation task of stereotypical attributes of young man and women and old man and women. In Phase 2, 62 young and 62 old individuals rated the stereotypicality and valence of the traits recollected in Phase

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito da bolsa número SFRH/BD/18195/2004 da FCT.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Sibila Marques. E-mail: sibila_marques@yahoo.com.br

I and others reviewed in the literature about age stereotypes. Results allowed to identify the stereotypical traits associated with young and old people in Portugal and revealed that there is consensus among the evaluations made by young and old participants.

Key words: Age, Portuguese, Stereotypes.

Introdução

Actualmente, assiste-se a um aumento pronunciado dos índices de envelhecimento em vários países (INE, 2002; WHO, 2002). Esta situação, para além de fomentar um debate político aceso à escala mundial, criou as condições para o aprofundamento do estudo do envelhecimento humano no seio dos vários campos científicos. No caso da Psicologia, a Psicologia Social tem sido um dos campos que mais se tem debruçado sobre esta temática (Hagestad & Uhlenberg, 2005), destacando-se os estudos sobre os estereótipos ligados à velhice e aos idosos (Madey, 2000).

No âmbito da Psicologia Social, têm vindo a surgir diversos estudos cujo objectivo é o de reunir os traços ou atributos pessoais associados às categorias etárias, especialmente os da categoria das pessoas idosas (Brewer, Dull, & Lui, 1981; Coudin, 2002; Cuddy, Norton, & Fiske, 2005; Fernandez-Ballesteros, 1992; Hummert, 1990; Kite, Deaux, & Miele, 1991; Levy & Langer, 1994; Perdue & Gurtman, 1990; Neto, 1992; Santamarina, López de Miguel, Ugarte, & Abrisqueta, 2002; Schmidt & Boland, 1986). Os traços estereotípicos recolhidos nestes estudos têm sido frequentemente utilizados noutras investigações. De entre estas, destacam-se as centradas sobre o efeito da activação dos estereótipos de envelhecimento nos desempenhos das pessoas jovens e idosas em vários domínios (e.g., Bargh, Chen, & Burrows, 1996; Dijksterhuis, Aarts, Bargh, & Van Knippenberg, 2000; Levy, 1996; Perdue & Gurtman, 1990). Por exemplo, estes estudos mostraram que, quando os participantes idosos são “primados” (i.e., participam numa tarefa de primação) implicitamente com atributos estereotípicos positivos do grupo das pessoas idosas têm melhores desempenhos em vários domínios do que quando são primados com atributos estereotípicos negativos. Este efeito tem sido estudado, por exemplo, nos desempenhos ao nível de testes de memória (Hess, Hinson, & Statham, 2004; Levy, 1996; Stein, Blanchard-Fields, & Hertzog, 2002). No entanto, o mesmo já tem sido demonstrado para outros domínios, inclusivamente em comportamentos que operam sem controlo consciente, como a caligrafia (Levy, 2000), os níveis de stresse na realização de tarefas exigentes (Levy, Hausdorff, Hencke, & Wei, 2000) e em medidas tão fundamentais como a vontade de viver (Levy, Ashman, & Dror, 1999-2000). Um aspecto central desta pesquisa é a de que estes efeitos não ocorrem nos jovens pelo que os autores salientam, o papel da relevância para as pessoas idosas dos estereótipos que estão a ser primados (Hess et al., 2004). Ou seja, as pessoas processam constantemente a informação à sua volta por referência a si próprias, tomando as categorias associadas ao seu auto-conceito muito mais facilmente acessíveis (Shih, Ambady, Richeson, Fujita, & Gray, 2002). Deste modo, o efeito ocorrido no caso das pessoas idosas deve-se a um processo de auto-estereotipização (Levy, 1996).

Em termos metodológicos, estes estudos utilizam um procedimento de primação conceptual (Bargh & Chartrand, 2000), o qual pressupõe a activação de representações mentais num contexto (i.e., o estereótipo de pessoa idosa) para que exerçam uma influência passiva, não intencional e não expectável em contextos subsequentes não relacionados (i.e., em tarefas de memória ou na caligrafia). Um dos aspectos que garante a validade deste tipo de metodologia está relacionado com a escolha do material que é primado. Para que a activação do estereótipo aconteça, é necessário garantir que os atributos que estão a ser utilizados fazem, de facto, parte integrante da representação mental do sujeitos (Devine, 1989).

A maioria dos estudos sobre o efeito da activação dos estereótipos etários citados são norte-americanos e utilizam como estímulos primos os atributos recolhidos no âmbito de estudos sobre o conteúdo dos estereótipos etários realizados anteriormente nos EUA (Brewer et al., 1981; Hummert, 1990; Kite et al., 1991; Levy, 1996; Levy & Langer, 1994; Schmidt & Boland, 1986). Neste sentido, a adaptação deste tipo de paradigmas para utilização noutros países, deve exigir um esforço prévio de recolha do conteúdo estereotípico associado aos grupos etários no contexto cultural em que se aplicam (Kite & Wagner, 2002).

Como será detalhado posteriormente, os estudos portugueses sobre os estereótipos ligados à idade são escassos e apresentam algumas limitações (Neto, 1992; Paúl, 2002; Simões, 1985). Neste sentido, o objectivo do presente estudo é o de aprofundar o estudo do conteúdo estereotípico dos grupos etários das pessoas jovens e idosas. Deste modo, esperamos contribuir para o aumento do conhecimento relativamente a esta questão e disponibilizar material a ser posteriormente utilizado noutras pesquisas que usem, por exemplo, metodologias de primação estereotípica como aquelas que foram anteriormente descritas.

Os estudos sobre estereótipos etários: Recomendações metodológicas

De acordo com Leyens, Yzerbyt, e Schadron (1994), os investigadores devem escolher, de entre a variedade de métodos que existem para medir os estereótipos, aqueles que estão de acordo com a definição de estereótipo que adoptam. Neste sentido, importa considerar as implicações metodológicas derivadas da opção teórica subjacente ao estudo dos estereótipos etários.

O interesse nos estudos da Psicologia Social do Envelhecimento tem sido o de medir os estereótipos culturais (Levy, 1996; Schmidt & Boland, 1986). Estes autores enfatizam o facto dos estereótipos serem “sociais” no sentido em que são a definição colectiva de uma categoria social, amplamente partilhada dentro e fora da categoria, ou seja, difundido numa cultura (Amâncio, 1994; Devine, 1989; Leyens et al., 1994; Tajfel, 1978).

Nos estudos sobre estereótipos, um dos métodos utilizados para aceder a estas crenças culturais implica questionar os indivíduos sobre o que eles pensam que, na sua sociedade, se pensa sobre determinado grupo, independentemente da sua crença pessoal (Ashmore & Del Boca, 1981; Augoustinos & Ahrens, 1994; Devine, 1989; Hort, Fagot, & Leinbach, 1990; Krueger, 1996). Uma metodologia vulgarmente utilizada consiste em fornecer aos participantes uma lista de atributos que estão ou não associados às pessoas pertencentes aos grupos sociais (que pode ser constituída, por exemplo, por atributos obtidos através de recolha livre com outros sujeitos ou pela revisão de outros estudos sobre o assunto) e pedir-lhes que avaliem a estereotipicidade e valência que pensam que lhes está associada na sua respectiva sociedade (Krueger, 1996). Ao nível dos resultados, interessa avaliar não só a força da associação dos traços ao grupo-alvo (i.e., o grau em que são considerados estereotípicos e que é avaliado pela média das respostas dos sujeitos), mas também o grau de consenso inter-sujeitos (i.e., o grau em que os sujeitos concordam entre si que aquele atributo é estereotípico da categoria e que é avaliado pelo desvio-padrão). Por fim, interessa ainda avaliar a valência associada a cada traço (i.e., o grau em que os sujeitos consideram que um determinado traço é positivo ou negativo). Esta medida permitirá conhecer a medida em que o estereótipo de determinado grupo é predominantemente positivo ou negativo e controlar, por exemplo, o efeito diferenciado da activação de cada uma destas componentes nos comportamentos dos indivíduos (Levy, 1996).

No caso específico da caracterização dos estereótipos etários, existe um segundo aspecto que deve ser considerado e que se prende com a escolha dos grupos-alvo e dos grupos respondentes. Numa recente meta-análise, Kite, Stockdale, Whitley, e Johnson (2005) reveêm 232 estudos sobre as atitudes em relação aos adultos jovens e idosos, onde estão incluídos aqueles sobre estereótipos etários assinalados no Psych-INFO, vindo a concluir que existem dois factores críticos que devem ser considerados como moderadores

na avaliação dos grupos etários: “One is the double standard of aging – the hypothesis that older women are evaluated more negatively than older man (e.g., Sontag, 1979). Another is whether younger and older adults view aging through the same lens” (p. 5). Assim, por um lado, o sexo do alvo deve ser considerado porque a utilização de categorias gerais como “pessoa idosa” pode levar os indivíduos a considerarem apenas os homens idosos (Matlin, 2004). Neste sentido, os estudos deverão procurar controlar esta variável, incluindo a avaliação dos homens e mulheres idosos. Por outro lado, a idade dos respondentes deve ser uma preocupação, já que se verifica a existência de um viés nas respostas das pessoas mais velhas, no sentido em que têm atitudes explícitas mais positivas relativamente ao envelhecimento.

A consideração destes aspectos deve estar, mais uma vez, de acordo com os objectivos do estudo proposto. Por exemplo, se se pretende utilizar os traços estereotípicos obtidos em estudos de primação estereotípica cujo objectivo é a avaliação do efeito da activação dos estereótipos culturais de pessoa idosa nos comportamentos de jovens e de idosos (Levy, 1996), interessa que os traços estereotípicos que são utilizados no paradigma sejam válidos para os dois grupos de idade em causa. Neste sentido, deverão representar as características idiossincráticas do estereótipo cultural das pessoas idosas (incluindo os homens e mulheres idosos) que são partilhadas pelos respondentes jovens e idosos. Uma forma de controlar a variável “sexo do alvo” terá de passar necessariamente pelo estudo prévio dos atributos dos homens e das mulheres idosos separando aqueles que são consensuais daqueles que são idiossincráticos de cada sexo. Por sua vez, a adopção de um delineamento estereotípico factorial completo (Krueger, 1996), em que pessoas jovens e idosas avaliam o que a sociedade pensa sobre os grupos-alvo das pessoas jovens e idosas, permitirá analisar as percepções que são partilhadas por estes dois grupos etários, assim como distinguir as características estereotípicas associadas aos grupos-alvo das pessoas jovens e idosas.

A investigação de Kite, Deaux, e Miele (1991), constitui um exemplo de um estudo sobre os estereótipos de envelhecimento que pretende considerar conjuntamente estes aspectos. Estas autoras pediram a 100 jovens universitários (com uma média de idades de 22 anos) e a 100 pessoas idosas (com uma média de idades de 70 anos) para realizarem descrições livres sobre um de quatro alvos: homem de 35 anos, mulher de 35 anos, homem de 65 anos e mulher de 65 anos. Posteriormente, pediram aos sujeitos para escolherem de uma lista de 35 atributos estereotípicos das pessoas idosas, quais os que se adequavam ao alvo considerado. Nesta investigação, utilizou-se um procedimento de comparação entre-sujeitos, já que cada indivíduo só respondia a um alvo. Os resultados revelaram acordo entre os atributos dos homens e mulheres com mais de 65 anos no que se refere a alguns atributos tais como: envelhecido, problemas de saúde e generoso para os outros. No entanto, surgiram atributos apenas referidos no caso do homem idoso (e.g., teimoso, reformado) e outros apenas no caso das mulheres idosas (e.g., activo na comunidade, enrugada). Um padrão semelhante surge no caso dos indivíduos jovens. Este estudo representa um exemplo que responde às exigências metodológicas actuais para o estudo dos estereótipos de pessoas idosas.

Em suma, o avanço nos estudos internacionais sobre os estereótipos etários permitiu estabelecer recomendações orientadoras precisas que devem servir de guias para o trabalho nestas áreas. Assim, tomámo-las como referência no nosso estudo, uma vez que ele consiste na caracterização dos estereótipos etários existentes na sociedade portuguesa.

Os estereótipos de pessoas jovens e idosas em Portugal

Como referimos anteriormente, os estudos portugueses sobre os estereótipos etários são escassos e têm algumas limitações metodológicas. Especificamente, salientamos o facto de nenhum deles ter controlado o sexo dos alvos que estão a ser avaliados e de nenhum ter sido realizado com respondentes idosos (Neto, 1992; Paul, 2002; Simões, 1985). Neste sentido, o presente estudo pretende contribuir para o aumento do conhecimento relativamente a esta temática, procurando considerar estes dois aspectos.

No presente caso, para recolher os estereótipos dos portugueses relativamente a pessoas jovens e idosas seguimos duas fases. A primeira consistiu numa tarefa de geração espontânea dos traços estereotípicos referentes a estes grupos. O objectivo principal foi o de proceder ao levantamento dos atributos referidos consensualmente por jovens e idosos, para ambos os sexos e para cada grupo etário. Com base nestes resultados, realizámos a segunda fase do estudo em que foi pedido aos sujeitos que avaliassem a estereotipicidade e a valência de uma lista de traços fornecida. A utilização de uma metodologia compósita de medição do conteúdo estereotípico permitiu conciliar algumas das vantagens de cada método específico e minimizar os custos da sua utilização individual (Stangor & Lange, 1994). Assim, a tarefa de geração espontânea dos traços (Fase 1) possibilitou a recolha dos atributos estereotípicos que são mais centrais para a descrição dos quatro grupos em Portugal. Esta medida permitiu considerar o consenso na escolha dos atributos típicos de cada grupo, indicado pela percentagem de participantes que escolheram um determinado traço. Por sua vez, a tarefa de avaliação da estereotipicidade e da valência destes traços e de outros referidos em estudos anteriores (Fase 2) permitiu aceder à força de associação de cada atributo ao grupo, verificar se existiam outros atributos que não tinham sido referidos na tarefa de geração espontânea de traços mas que eram considerados igualmente típicos, e avaliar a valência específica de cada traço. Na Fase 2, foi possível medir também o grau de consenso inter-participantes relativamente às avaliações de cada traço.

De seguida, apresentamos com mais detalhe cada uma destas investigações.

Fase 1

Nesta fase do estudo, pretendeu-se recolher as características estereotipicamente ligadas aos grupos dos homens e mulheres jovens e dos homens e mulheres idosos.

Utilizou-se um procedimento baseado no de Kite et al. (1991), introduzindo três diferenças. Em primeiro lugar, em vez de se utilizar as categorias de idade (35 e 65 anos), pretendeu-se utilizar as categorias “pessoa jovem” e “pessoa idosa”. Esta opção prendeu-se com a forma como habitualmente se designam os indivíduos mais velhos no nosso país (INE, 2002). Em segundo lugar, optámos por um delineamento intra-sujeitos, em que cada indivíduo enunciou livremente as características tipicamente associadas aos quatro grupos considerados. Esta é uma opção teórica e que segue as recomendações de Cinnirella (1998). De acordo com este autor, os questionários em que se pede aos indivíduos tarefas de avaliação da estereotipicidade explicitamente para o endo-grupo e para o exo-grupo (e não só para um dos grupos), aumentam os efeitos de diferenciação intergrupala. No caso do presente estudo, considerámos útil maximizar as diferenças entre os dois grupos na fase de recolha livre dos atributos estereotípicos. Neste sentido, seria possível identificar os atributos que são fortemente consensuais entre os sexos, mesmo numa situação que facilita a diferenciação.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 67 pessoas jovens ($M(\text{idade})=19$ anos; $DP=0,7$) e 85 pessoas idosas ($M(\text{idade})=76$ anos; $DP=0,6$). Foram considerados como jovens os indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos e como idosos os indivíduos com mais de 65 anos (INE, 2002).

Os inquiridos jovens são na sua maioria do sexo feminino (74,6%), solteiros (98,5%), estudantes (84,8%), têm pelo menos o 12º ano de escolaridade (100%) e habitam em zonas urbanas ou suburbanas (89,9%). Por sua vez, os inquiridos idosos são na sua maioria do sexo feminino (54,5%), viúvos (46,4%) ou casados (45,2%), reformados (95,2%), têm na sua maioria pelo menos a 4ª classe (67,1%) e habitam em zonas urbanas ou suburbanas (97,6%).

Os jovens foram convidados a participar no estudo através do contacto com o Instituto Superior de Arte e Design (IADE). Quanto aos participantes idosos, uma parte foi contactada através da Associação Comunitária para Reformados, Pensionistas e Idosos de Sacavém (ACRPIS), especificamente do seu Centro de Dia (41,2% do total dos participantes idosos) e do Apoio Domiciliário (29,4% do total dos participantes idosos). Uma outra parte dos participantes idosos foi contactada através de contactos directos nas suas residências (29,4%).

Procedimento

A recolha dos atributos estereotípicos tipicamente associados às mulheres e homens jovens e às mulheres e homens idosos, foi realizada com base na adaptação das instruções utilizada no estudo de Schmidt e Boland (1986). As instruções que foram apresentadas aos participantes foram as seguintes:

Estamos interessados nas características que as pessoas em geral utilizam para descrever membros dos vários grupos etários. Escreva todas as coisas que pense serem tipicamente pensadas, ouvidas, ou lidas sobre os grupos seguidamente apresentados. Inclua tudo o que é tipicamente associado a estes grupos, independentemente de ser favorável ou desfavorável ou se acredita ou não serem verdade. Assinale tantas características quantas achar necessárias para transmitir a impressão que as pessoas em geral têm destes grupos e para os descrever de forma adequada. Mais uma vez recordamos que não existem respostas certas ou erradas. Estamos interessados na sua opinião sobre o que as pessoas geralmente pensam sobre estes grupos.

Na folha de respostas, foram deixados espaços em branco para os participantes descreverem em espaço próprio as características típicas de cada grupo alvo: as mulheres jovens, os homens jovens, as mulheres idosas e os homens idosos.

No caso dos participantes jovens, os questionários foram preenchidos pelos próprios numa situação de sala de aula do Instituto Superior de Arte de Design (IADE). No caso dos participantes idosos, devido ao seu baixo nível de escolaridade, os questionários foram preenchidos em entrevista. Estas entrevistas tiveram lugar: (i) numa sala do Centro de Dia da ACRPIS; (ii) nas residências dos participantes por ocasião da prestação do apoio domiciliário da mesma associação; e (iii) nas residências dos participantes, no caso daqueles que não tinham qualquer relacionamento com a instituição. Em todos estes casos, as entrevistas foram individuais e tiveram lugar em locais tranquilos.

Resultados

Atributos estereotípicos associados às mulheres jovens, aos homens jovens, às mulheres idosas e aos homens idosos

Para recolher os atributos associados pelos inquiridos jovens e pelos idosos, de forma consensual ao homem e à mulher jovem, por um lado, e ao homem e à mulher idosa, por outro, foram seguidos vários

passos na análise. Em primeiro lugar, foi necessário simplificar os atributos referidos pelos participantes, eliminando as redundâncias de termos sinónimos. Para tal, os atributos estereotípicos referidos para cada grupo foram codificados pela primeira autora e por um juiz independente. Obteve-se um índice de pelo menos 85% de concordância na codificação dos atributos estereotípicos para os quatro grupos. Nos casos em que não houve concordância na codificação inicial, foi decidido por comum acordo qual o termo a figurar. Seguidamente, analisaram-se as respostas das pessoas jovens e idosas relativamente a cada um dos alvos. Esta análise permitiu identificar os atributos que foram considerados simultaneamente pelos dois grupos de participantes para cada um dos quatro grupos-alvo em análise. Nesta fase, não apresentamos os resultados por grupo de participante já que consideramos que esta é uma análise complexa e que poderá ser realizada de modo mais completo na Fase 2. Recordamos que os atributos gerados na Fase 1, fizeram parte da lista de traços que foi avaliada relativamente à tipicidade e valência na Fase 2. Como será referido posteriormente com maior detalhe, a análise dos resultados obtidos na Fase 2 permitirá não só perceber quais os atributos associados aos grupos-alvo por cada grupo de participantes, mas também as diferenças e as semelhanças na força de associação e na valência desses traços.

No Apêndice 1 encontram-se os 15 primeiros atributos referidos simultaneamente pelos participantes jovens e idosos para cada um dos quatro alvos. A partir da análise destes resultados, verificou-se que os participantes atribuem maioritariamente os mesmos traços às pessoas do mesmo sexo e do mesmo escalão etário. O Quadro 1 apresenta uma síntese dos atributos mais referidos, salientando a semelhança e diferença entre os atributos referidos para os dois sexos de cada grupo etário.

Quadro 1

Atributos que os participantes jovens e idosos consideram como culturalmente associados às mulheres e homens jovens e às mulheres e homens idosos: Semelhanças e diferenças

	Mulheres Jovens	Homens Jovens	Mulheres Idosas	Homens Idosos
Atributos semelhantes	Bonita(o)s Activa(o)s Irresponsáveis Trabalhadores Divertida(o)s Independentes Cuidam da aparência		Doentes Velha(o)s Sábia(o)s Coitada(o)s Incapacidade física Incapacidade intelectual Sós	
Atributos diferentes	Alegres Indiscretas Sexuadas	Bebem Desrespeitadores Imaturos	Cuidam dos netos Tristes Preocupam-se com a sua saúde	Gostam de jogar às cartas Bondosos Têm cabelos brancos

Discussão

Esta primeira fase do estudo permitiu chegar a alguns resultados importantes relativamente ao conteúdo dos estereótipos culturais etários em Portugal. Verificou-se que os inquiridos consideram que existem traços que são estereotipicamente associados, de forma idiossincrática, a um determinado sexo de um grupo etário. No entanto, existe também uma percentagem significativa de atributos que é atribuída a ambos os sexos. Estes resultados estão de acordo com aqueles verificados por Kite et al. (1991), relativamente aos estereótipos americanos e sublinham a importância de controlar a variável “sexo do alvo” no estudo dos estereótipos etários.

No entanto, importa salientar que este estudo teve algumas limitações metodológicas que devem ser ultrapassadas no futuro. Nomeadamente, verificou-se que a metodologia de preenchimento dos questionários foi diferente no caso dos inquiridos jovens e idosos. Num caso, utilizou-se a auto-administração e noutra a entrevista estruturada. Embora este facto se justificasse dada diferença entre os níveis de escola-

ridade das duas amostras, deve ser evitado. Existem diferenças entre estes dois métodos de recolha dos dados. Por exemplo, os questionários de auto-administração, sendo anónimos e confidenciais, podem promover maior honestidade e franqueza nas respostas (Kerlinger & Lee, 2002).

Com base nos resultados obtidos nesta fase, prosseguimos para a segunda fase de estudo.

Fase 2

Nesta fase, pretendeu-se aprofundar o estudo dos estereótipos culturais das pessoas jovens e idosas. O objectivo é o de encontrar os atributos que são considerados pelos inquiridos jovens e idosos como estereotipicamente associados aos grupos das pessoas jovens e idosas e conhecer a sua valência. Pretende-se obter medidas relativas à força de associação dos traços aos grupos, à sua valência e ao consenso inter-participantes. Nesta fase, procuramos ainda apresentar as diferenças e semelhanças entre o grupo de participantes jovens e idosos.

Método

Participantes

Participaram neste estudo 62 pessoas jovens ($M(\text{idade})=21,6$ anos; $DP=2,0$) e 62 pessoas idosas ($M(\text{idade})=70,4$ anos; $DP=4,7$). Os inquiridos jovens são na sua maioria do sexo feminino (64,5%), com o estado civil de solteiro (95,1%), estudantes (90,3%), têm pelo menos o 12º ano de escolaridade (100%) e habitam em zonas urbanas ou suburbanas (91,9%). Por sua vez, os inquiridos idosos também são na sua maioria de sexo feminino (64,5%), mas sobretudo casadas (66,1%) ou viúvas (82,2%), têm pelo menos o 12º ano de escolaridade (66,1%) e habitam em zonas urbanas ou suburbanas (96,7%). Procurámos manter as características sócio-demográficas da Fase 1, com excepção do nível de escolaridade que procurámos ser semelhante nas duas amostras pois considerámos que este factor seria determinante para garantir a auto-administração.

Os inquiridos jovens foram contactados através da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (FPCE-UL) e do Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE de Setúbal). Por sua vez, os inquiridos idosos foram recrutados através de contactos pessoais.

Procedimento

Foi construído um questionário constituído por questões relativas aos dados demográficos e questões relativas à avaliação da estereotipicalidade e valência de atributos associados ou não a cada categoria etária.

A avaliação da estereotipicalidade e valência dos atributos associados ou não às categorias etárias em análise foi realizada com base no procedimento sugerido por Brazão e Garcia-Marques (2004). Nesta tarefa pretendeu-se avaliar dois aspectos: em que grau os atributos são associados ao grupo e em que grau estes são percebidos como sendo positivos ou negativos. Para tal, foi constituída uma lista com 56 atributos que foram alvo de avaliação relativa a estes dois factores. Esta lista foi constituída por: (1) itens que foram recolhidos no âmbito da Fase 1, e que se referem aos traços igualmente referidos pelos participantes jovens e idosos para o sexo feminino e masculino e para pessoas jovens e idosas; (2) itens recolhidos no âmbito do estudo mais representativo desta temática no nosso país (Neto, 1992), uma

vez que se trata dos estereótipos prevaletentes na sociedade portuguesa; e (3) itens representativos dos estereótipos etários nos EUA (Levy, 1996). Como os atributos estudados poderão ser utilizados em estudos de activação dos estereótipos de envelhecimento semelhantes aqueles que têm sido realizados nos EUA, considerámos importante verificar qual a correspondência entre o conteúdo estereotípico dos estereótipos culturais etários nesse país e em Portugal.

Para avaliar a estereotipicidade, a lista de atributos foi apresentada duas vezes, sendo aleatória a ordem de apresentação do grupo-alvo (para evitar efeitos da pertença endo-grupal dos inquiridos). Pediu-se aos inquiridos que avaliassem, numa escala de 11 pontos, o grau em que julgam que as pessoas da sociedade portuguesa associam essas características ao grupo etário das pessoas jovens e das pessoas idosas (0=nada associado a 10=completamente associado). A esta questão, seguiu-se a avaliação da valência dos traços em que foi, novamente, apresentada a lista anterior e pediu-se, desta vez, aos inquiridos para avaliarem numa escala de 11 pontos o grau em que as pessoas da sociedade portuguesa consideram os atributos apresentados como positivos ou negativos para descrever uma pessoa em geral (0=Completamente negativa a 10=Completamente positiva).

Os inquiridos jovens responderam ao questionário por auto-administração numa situação de sala de aula quer na FPCE-UL, quer na ESE de Setúbal. Por sua vez, os inquiridos idosos responderam aos questionários por auto-administração nas suas residências e entregaram posteriormente, por correio ou pessoalmente, o questionário aos investigadores.

Resultados

Avaliação da estereotipicidade e valência dos atributos

A avaliação da estereotipicidade e valência dos atributos foi analisada para o grupo alvo das pessoas jovens e idosas por grupo de participantes. Nos Apêndices 2, 3, 4 e 5 encontra-se a lista dos atributos avaliados com indicação da média da estereotipicidade e da valência, limites dos intervalos de confiança e respectivos desvios-padrão.

A análise da força de associação dos atributos estereotípicos foi realizada de acordo com os intervalos de confiança para a avaliação quer da estereotipicidade quer da valência de cada atributo, tal como proposto por Brazão e Garcia-Marques (2004). Considerou-se que, se o intervalo de confiança de um atributo não incluir o valor 5 e a sua média está acima de 5, infere-se com um grau de confiança de 95% que o atributo é considerado pela população como sendo estereotípico. Por sua vez, no caso da valência, considerou-se que se o intervalo de confiança não incluir o valor 5 e a sua média estiver acima de 5, infere-se com um grau de confiança de 95% que o atributo é considerado pela população como positivo. Se o valor médio estiver abaixo de 5, infere-se com 95% de confiança que a população considera esse atributo como negativo. Por sua vez, a análise do consenso inter-participantes foi realizada através da análise do desvio-padrão. De acordo com Krueger (1996), quanto menor o valor do desvio-padrão, maior o grau de consenso inter-sujeitos relativamente à avaliação de determinado traço estereotípico.

Verifica-se que existe uma elevada percentagem de atributos que são consensualmente partilhados pelos participantes jovens e idosos como sendo estereotípicos dos grupos etários alvo (em média, os participantes jovens e idosos partilham 78,5% dos atributos). Nestes, incluem-se 63,3% dos traços referidos no Estudo 1 para o grupo-alvo dos jovens e 60% para o grupo-alvo dos idosos; 90% dos atributos referido na realidade portuguesa por Neto (1992); e 37,5% dos atributos retirados do estudo americano de Levy (1996).

Relativamente à avaliação da valência estereotípica, verifica-se que a maioria dos atributos referidos consensualmente pelos dois grupos de inquiridos para o grupo dos jovens é considerada positiva (85,7%). Pelo contrário, verifica-se que menos de metade dos atributos referidos consensualmente pelos dois grupos de inquiridos para o grupo dos idosos é positiva (42,1%). Os Quadros 2 e 3 sintetizam os atributos estereotípicos referidos consensualmente pelos participantes jovens e idosos relativamente aos dois grupos-alvo em análise. Os resultados apresentados nestes quadros foram obtidos através de duas fases. Em primeiro lugar, seleccionaram-se os atributos que foram considerados estereotípicos quer pelos participantes jovens, quer pelos participantes idosos a partir dos critérios propostos por Brazão & Garcia-Marques (2004). Em segundo lugar, realizou-se uma nova análise da estereotipicidade e valência desses traços considerando a amostra total de participantes (composta pelos 62 inquiridos jovens e 62 inquiridos idosos).

Quadro 2

Atributos que os participantes jovens e idosos consideram como culturalmente associados às pessoas jovens, por valores decrescentes de estereotipicidade

Atributos estereotípicos do grupo das pessoas jovens	Estereotipicidade		Valência	
	M	DP	M	DP
Cuidam da aparência	8,073	1,970	7,336	1,772
Saudáveis	7,718	2,210	8,467	1,892
Aventureiras	7,629	2,090	6,008	2,192
Activas	7,528	1,880	7,908	1,751
Rápidas	7,516	1,790	6,983	1,836
Bonitas	7,431	2,080	7,700	2,236
Divertidas	7,306	1,590	7,898	1,702
Sociáveis	7,303	1,520	7,739	1,69
Fumam	7,049	2,130	2,832	2,282
Expansivas	6,951	1,640	6,420	1,857
Precipitadas	6,846	2,150	3,150	1,836
Criativas	6,782	1,820	7,593	1,77
Vontade de melhorar	6,347	1,950	7,748	1,791
Instruídas	6,089	2,020	8,025	1,881

Quadro 3

Atributos que os participantes jovens e idosos consideram como culturalmente associados às pessoas idosas, por valores decrescentes de estereotipicidade

Atributos estereotípicos do grupo das pessoas idosas	Estereotipicidade		Valência	
	M	DP	M	DP
Avós	8,593	1,683	6,412	2,576
Reformadas	8,435	2,278	4,342	2,140
Experientes	8,129	1,706	7,925	1,764
Maduras	8,008	1,474	7,700	1,886
Conservadoras	7,983	1,609	4,600	2,290
Conselheiras	7,787	1,801	7,025	2,019
Sábias	7,382	1,753	7,629	2,062
Velhas	7,361	2,641	3,479	2,396
Sós	7,260	2,265	2,898	2,239
Esquecidas	7,153	2,231	2,692	1,860
Dependentes	6,774	2,226	3,109	2,166
Supersticiosas	6,760	2,236	3,661	2,109
Declínio	6,758	2,427	2,083	1,977
Doentes	6,740	2,339	2,395	2,187
Lentas	6,675	2,152	2,992	1,641
Rabugentas	6,411	2,267	2,525	1,856
Calmas	6,179	2,012	7,058	1,929
Sociáveis	6,124	1,926	7,739	1,690
Sagazes	6,000	2,066	7,017	2,008
Intuitivas	5,807	2,387	6,407	2,047

Discussão

Este estudo teve como objectivo avaliar a estereotipicalidade e a valência associados às categorias das pessoas jovens e idosas, controlando a categoria etária dos inquiridos.

Os resultados revelaram que: (1) existe uma percentagem significativa de traços que são consensualmente considerados pelas pessoas jovens e idosas como estereotípicos dos dois grupos etários em análise; (2) estes traços são sistematicamente avaliados em vários estudos nacionais (Neto, 1992) e internacionais (Levy, 1996) como estereotípicos das categorias em análise; e (3) o conteúdo estereotípico associado culturalmente ao grupo dos jovens é mais positivo do que aquele associado ao grupo dos idosos.

Em termos teóricos, é importante salientar que, embora se tenham verificado algumas diferenças no conteúdo estereotípico associado às categorias etárias em função da pertença etária dos participantes, verificou-se simultaneamente um grau elevado de sobreposição nos atributos que os participantes jovens e idosos referiram em relação aos dois grupos etários. Para perceber esta questão importa atender a dois factores. Em primeiro lugar, temos de considerar que, os estereótipos culturais etários são representações sociais, socialmente construídos numa sociedade, difundidos numa cultura e, portanto, conhecidos pelos membros dos diferentes grupos etários (Amâncio, 1994; Hogg & Abrams, 1988; Vala, 1997). Em segundo lugar, devemos considerar que, quando estamos interessados em medir o que “o sujeito considera que na sua sociedade se pensa sobre determinado grupo” estamos a salientar uma auto-categorização de um nível hierárquico mais abrangente – o nível cultural – o que pode diminuir o efeito das diferenças relativas às pertenças etárias dos participantes, uniformizando as suas percepções (Spears, Oakes, Ellemers, & Haslam, 1997).

Discussão geral

Este estudo permitiu recolher, junto de participantes jovens e idosos, os atributos considerados estereotípicos relativamente ao grupo das pessoas jovens e idosas na sociedade portuguesa. Julgamos que os resultados obtidos contribuem para aumentar o conhecimento relativo a esta temática e fornecem material para ser utilizado em investigações subsequentes. Em primeiro lugar, permitem a discriminação dos atributos estereotípicos associados a cada um dos sexos do grupo dos jovens e idosos. Em segundo lugar, contemplam pela primeira vez o ponto de vista das pessoas idosas. Por fim, em terceiro lugar, permitem obter um conjunto alargado de atributos que foram avaliados relativamente a várias dimensões (i.e., estereotipicalidade, valência e consenso) e que são fundamentais para a construção de material a ser utilizado em estudos que recorram à activação supra ou subliminar (e.g., Levy, 1996) ou a medidas de acessibilidade dos estereótipos (e.g., Perdue & Gurtman, 1990).

No entanto, este estudo tem também algumas limitações que devem ser consideradas. Tendo como objectivo caracterizar os estereótipos culturais das pessoas idosas e jovens (i.e., o que se pensa na cultura portuguesa sobre os idosos e os jovens) é limitado questionar apenas um grupo específico de jovens e de idosos. Na realidade, os resultados obtidos referem-se apenas ao que as pessoas jovens e idosas da amostra pensam que se pensa na cultura portuguesa sobre os jovens e idosos. Alguns autores defendem que um estudo completo sobre os estereótipos prevalentes na cultura portuguesa passaria não só pela realização de um inquérito numa amostra representativa da população portuguesa considerando vários aspectos (ex. raça, sexo, idade) mas também pela utilização de outras metodologias, tais

como a análise de textos jornalísticos ou a observação dos comportamentos (Breakwell & Canter, 1993). Tendo em consideração a especificidade deste estudo, recomenda-se que se proceda sempre à verificação dos atributos obtidos junto das populações específicas a serem estudadas em investigações futuras.

Apêndice 1

15 primeiros atributos que os participantes jovens e idosos consideram como culturalmente associados às mulheres e homens jovens e às mulheres e homens idosos

	Mulheres Jovens	Homens Jovens	Mulheres Idosas	Homens Idosos
Jovens e Idosos	Bonitas (20,3%)	Divertidos (15,1%)	Doentes (19,0%)	Doentes (9,8%)
	Trabalhadoras (13,8%)	Irresponsáveis (15,1%)	Velhas (13,8%)	Sábios (9,2%)
	Activas (13,1%)	Trabalhadores (10,5%)	Inúteis (9,8%)	Chatos (8,5%)
	Irresponsáveis (11,2%)	Activos (7,8%)	Sábias (8,5%)	Velhos (8,5%)
	Saudáveis (10,5%)	Drogam-se (7,8%)	Coitadas (7,9%)	Gostam de jogar às cartas (8,5%)
	Independentes (10,5%)	Bebem (7,2%)	Cuidam dos netos (7,8%)	Rabugentos (8,5%)
	Divertidas (9,8%)	Desrespeitadores (7,2%)	Tristes (7,8%)	Coitados (7,2%)
	Alegres (8,5%)	Imaturos (7,2%)	Incapacidade física (7,2%)	Incapacidade física (6,5%)
	Indiscretas (8,5%)	Cuidam da aparência (6,5%)	Incapacidade intelectual (7,2%)	Incapacidade intelectual (6,5%)
	Cuidam da aparência (7,9%)	Despreocupados (5,9%)	Sós (6,5%)	Calmos (6,5%)
	Sexuadas (6,5%)	Bonitos (5,2%)	Preocupam-se com a sua saúde (6,5%)	Reformados (5,9%)
	Ambiciosas (5,9%)	Preguiçosos (5,2%)	Experientes (6,5%)	Experientes (5,9%)
	Modernas (5,9%)	Saudáveis (5,2%)	Activas (5,9%)	Avós (5,2%)
	Sociáveis (5,9%)	Delinquentes (4,6%)	Calmas (5,9%)	Sós (5,2%)
	Têm uma visão negativa das pessoas idosas (5,9%)	Fortes (4,6%)	Afectuosas (5,9%)	Afectuosos (4,6%)

Apêndice 2

Atributos que os participantes jovens consideram como culturalmente associados às pessoas jovens, segundo valores médios decrescentes de estereotipicalidade

Atributo	Estereotipicalidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Cuidam da aparência	8,645	8,313	8,977	1,310	7,532	7,109	7,956	1,667
Aventureiras	8,468	8,193	8,743	1,080	6,774	6,327	7,221	1,759
Activas	8,194	7,768	8,62	1,680	8,21	7,766	8,653	1,747
Saudáveis	8,081	7,646	8,515	1,710	9,016	8,625	9,408	1,542
Divertidas	7,871	7,578	8,164	1,150	8,419	8,077	8,762	1,35
Sociáveis	7,855	7,524	8,186	1,300	8,177	7,808	8,547	1,454
Precipitadas	7,839	7,485	8,192	1,390	3,258	2,792	3,725	1,837
Fumam	7,839	7,476	8,201	1,430	3,097	2,516	3,678	2,288
Rápidas	7,823	7,397	8,248	1,670	7,177	6,817	7,538	1,420
Bonitas	7,661	7,188	8,135	1,860	8,565	8,101	9,028	1,825
Irresponsáveis	7,548	7,211	7,885	1,330	1,484	1,078	1,889	1,597
Expansivas	7,387	7,051	7,723	1,320	6,629	6,173	7,085	1,795
Criativas	7,161	6,739	7,583	1,660	7,855	7,434	8,276	1,658
Drogam-se	6,661	6,223	7,100	1,730	0,952	0,558	1,346	1,552
Vontade de melhorar	6,661	6,184	7,139	1,880	8,161	7,732	8,591	1,691
Instruídas	6,355	5,822	6,887	2,100	8,484	8,094	8,873	1,534
Dependentes	6,226	4,542	7,91	6,630	2,823	2,303	3,342	2,045
Alertas	6,148	5,671	6,624	1,860	6,387	5,970	6,804	1,643
Esclarecidas	5,839	5,281	6,397	2,200	7,565	7,070	8,059	1,947
Astutas	5,738	5,254	6,221	1,890	7,355	6,954	7,756	1,580
Independentes	5,581	4,938	6,224	2,530	7,806	7,276	8,336	2,087
Intuitivas	5,452	4,928	5,975	2,060	6,246	5,765	6,727	1,877
Desorientadas	4,968	4,377	5,558	2,330	2,113	1,745	2,481	1,450
Confusas	4,839	4,183	5,494	2,580	2,500	2,113	2,887	1,523
Trabalhadoras	4,806	4,356	5,257	1,770	8,161	7,713	8,610	1,767
Sagazes	4,557	4,013	5,102	2,130	7,246	6,791	7,701	1,776
Incompetentes	4,516	3,910	5,122	2,390	1,721	1,308	2,135	1,614
Realizadas	4,435	3,963	4,908	1,860	8,210	7,839	8,581	1,461
Rabugentas	3,770	3,153	4,388	2,410	2,306	1,866	2,747	1,733
Mentoras	3,726	3,174	4,278	2,170	6,677	6,242	7,113	1,716
Calmas	3,452	3,071	3,833	1,500	7,032	6,603	7,461	1,689

cont. →

← cont.

Atributo	Estereotipicidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Supersticiosas	3,339	2,861	3,816	1,880	4,066	3,549	4,582	2,016
Inúteis	3,258	2,682	3,834	2,270	0,935	0,642	1,229	1,158
Chatas	3,242	2,691	3,793	2,170	2,129	1,68	2,578	1,769
Conselheiras	3,161	2,647	3,676	2,030	7,435	6,979	7,892	1,798
Incapacidade intelectual	3,082	2,497	3,667	2,280	1,613	1,042	2,184	2,250
Sábias	3,065	2,607	3,522	1,800	8,164	7,737	8,590	1,665
Dementes	3,000	-0,54	6,54	13,940	1,081	0,739	1,423	1,346
Experientes	3,000	2,574	3,426	1,680	8,210	7,780	8,639	1,690
Maduras	2,919	2,439	3,4	1,890	8,21	7,878	8,542	1,307
Sós	2,790	2,276	3,305	2,030	1,919	1,556	2,282	1,429
Esquecidas	2,468	1,828	3,108	2,520	2,290	1,896	2,684	1,551
Lentas	2,164	1,761	2,567	1,570	2,629	2,300	2,958	1,296
Conservadoras	1,952	1,588	2,315	1,430	4,048	3,538	4,559	2,012
Coitadas	1,919	1,485	2,354	1,710	1,806	1,316	2,297	1,932
Incapacidade física	1,548	1,087	2,010	1,820	1,475	1,085	1,866	1,523
Não excitáveis	1,419	1,086	1,753	1,310	2,452	2,024	2,880	1,686
Decrépitas	1,410	0,968	1,852	1,730	1,306	0,940	1,673	1,444
Declínio	1,306	0,823	1,790	1,900	1,790	1,319	2,262	1,857
Senis	1,306	0,785	1,828	2,050	1,387	0,911	1,864	1,876
Moribundas	1,279	0,799	1,758	1,870	0,952	0,622	1,281	1,299
Doentes	1,113	0,840	1,385	1,070	1,532	1,114	1,950	1,647
Velhas	0,548	0,196	0,901	1,390	3,371	2,861	3,881	2,010
Alzheimer	0,258	0,058	0,458	0,790	1,258	0,865	1,651	1,546
Avós	0,242	0,043	0,441	0,780	6,403	5,798	7,009	2,385
Reformadas	0,177	0,06	0,295	0,460	3,855	3,400	4,310	1,791

Apêndice 3

Atributos que os participantes idosos consideram como culturalmente associados às pessoas jovens, segundo valores médios decrescentes de estereotipicidade

Atributo	Estereotipicidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Cuidam da aparência	7,500	6,908	8,092	2,331	7,123	6,626	7,619	1,871
Saudáveis	7,355	6,701	8,009	2,574	7,879	7,337	8,421	2,061
Rápidas	7,200	6,720	7,680	1,858	6,772	6,189	7,355	2,196
Bonitas	7,197	6,617	7,777	2,264	6,776	6,177	7,375	2,279
Activas	6,852	6,381	7,324	1,842	7,579	7,125	8,033	1,711
Aventureiras	6,790	6,156	7,424	2,497	5,175	4,559	5,792	2,323
Divertidas	6,742	6,294	7,190	1,764	7,321	6,821	7,822	1,869
Sociáveis	6,733	6,339	7,128	1,528	7,263	6,783	7,743	1,808
Expansivas	6,508	6,041	6,975	1,822	6,193	5,685	6,700	1,913
Criativas	6,403	5,918	6,889	1,912	7,304	6,806	7,801	1,858
Fumam	6,246	5,628	6,864	2,413	2,544	1,944	3,144	2,260
Vontade de melhorar	6,032	5,527	6,538	1,992	7,298	6,820	7,776	1,802
Precipitadas	5,836	5,241	6,432	2,325	3,034	2,549	3,519	1,845
Instruídas	5,820	5,328	6,311	1,919	7,534	6,983	8,086	2,096
Trabalhadoras	5,705	5,241	6,169	1,811	7,404	6,855	7,952	2,069
Dependentes	5,526	4,715	6,338	3,060	3,421	2,819	4,023	2,267
Intuitivas	5,492	4,937	6,046	2,128	6,579	5,990	7,168	2,220
Sagazes	5,383	4,816	5,950	2,195	6,776	6,193	7,359	2,217
Alertas	5,328	4,741	5,915	2,293	5,893	5,344	6,442	2,051
Independentes	5,197	4,508	5,885	2,688	7,414	6,907	7,921	1,929
Eslarecidas	5,067	4,539	5,594	2,041	7,211	6,680	7,741	1,998
Mentoras	4,786	4,115	5,457	2,506	6,614	6,086	7,142	1,989
Astutas	4,649	4,004	5,294	2,431	6,211	5,650	6,771	2,111
Irresponsáveis	4,574	3,946	5,202	2,453	2,052	1,464	2,640	2,235
Drogam-se	4,383	3,740	5,027	2,491	1,649	1,024	2,274	2,357
Realizadas	4,300	3,826	4,774	1,835	6,807	6,217	7,397	2,224
Calmas	4,228	3,750	4,706	1,803	7,086	6,515	7,657	2,171
Desorientadas	4,213	3,616	4,810	2,332	1,946	1,415	2,478	1,986
Confusas	4,117	3,446	4,788	2,598	2,649	2,120	3,179	1,995
Maduras	3,983	3,436	4,531	2,119	7,155	6,567	7,744	2,238
Chatas	3,982	3,313	4,652	2,525	2,561	1,987	3,135	2,163
Sábias	3,915	3,346	4,484	2,184	7,036	6,414	7,658	2,301
Não excitáveis	3,712	3,001	4,423	2,729	3,579	2,945	4,213	2,39
Incompetentes	3,632	3,072	4,191	2,110	2,431	1,878	2,984	2,104

cont. →

← cont.

Atributo	Estereotipicidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Supersticiosas	3,458	2,931	3,984	2,020	3,228	2,661	3,795	2,138
Esquecidas	3,31	2,657	3,964	2,487	3,121	2,577	3,665	2,07
Incapacidade intelectual	3,186	2,484	3,889	2,694	2,638	1,932	3,344	2,687
Lentas	3,119	2,526	3,711	2,275	3,393	2,888	3,898	1,885
Experientes	2,966	2,419	3,512	2,077	7,621	7,146	8,095	1,805
Rabugentas	2,930	2,320	3,540	2,298	2,759	2,241	3,276	1,967
Sós	2,733	2,138	3,329	2,306	3,982	3,319	4,645	2,475
Inúteis	2,632	2,031	3,233	2,265	1,807	1,287	2,327	1,959
Conservadoras	2,583	2,079	3,087	1,951	5,245	4,572	5,918	2,441
Conselheiras	2,561	1,894	3,229	2,514	6,579	6,005	7,153	2,163
Coitadas	2,125	1,430	2,820	2,594	1,625	1,184	2,066	1,647
Doentes	1,966	1,339	2,592	2,384	3,333	2,716	3,950	2,325
Declínio	1,643	0,936	2,349	2,638	2,397	1,853	2,940	2,068
Velhas	1,431	0,710	2,152	2,741	3,596	2,861	4,332	2,77
Dementes	1,379	0,822	1,936	2,118	1,345	0,848	1,841	1,888
Incapacidade física	1,250	0,815	1,685	1,684	2,393	1,814	2,972	2,163
Avós	1,211	0,531	1,890	2,562	6,421	5,681	7,161	2,790
Reformadas	1,151	0,421	1,881	2,649	4,862	4,24	5,484	2,365
Senis	0,950	0,430	1,470	2,012	1,607	1,053	2,161	2,069
Decrépitas	0,947	0,445	1,450	1,894	1,603	1,116	2,091	1,854
Moribundas	0,786	0,268	1,303	1,933	1,161	0,666	1,655	1,847
Alzheimer	0,356	0,135	0,576	0,846	1,667	1,044	2,290	2,348

Apêndice 4

Atributos que os participantes jovens consideram como culturalmente associados às pessoas idosas, segundo valores médios decrescentes de estereotipicidade

Atributo	Estereotipicidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Reformadas	9,161	8,873	9,449	1,130	3,855	3,400	4,310	1,791
Avós	9,097	8,838	9,356	1,020	6,403	5,798	7,009	2,385
Experientes	8,500	8,082	8,918	1,650	8,21	7,780	8,639	1,690
Velhas	8,452	7,934	8,969	2,040	3,371	2,861	3,881	2,010
Conservadoras	8,410	8,078	8,742	1,300	4,048	3,538	4,559	2,012
Maduras	8,258	7,930	8,586	1,290	8,210	7,878	8,542	1,307
Conselheiras	8,048	7,646	8,450	1,580	7,435	6,979	7,892	1,798
Sábias	7,984	7,598	8,370	1,520	8,164	7,737	8,590	1,665
Esquecidas	7,855	7,373	8,337	1,900	2,290	1,896	2,684	1,551
Doentes	7,823	7,387	8,258	1,710	1,532	1,114	1,950	1,647
Supersticiosas	7,823	7,489	8,156	1,310	4,066	3,549	4,582	2,016
Dependentes	7,710	7,297	8,122	1,620	2,823	2,303	3,342	2,045
Sós	7,710	7,254	8,166	1,800	1,919	1,556	2,282	1,429
Declínio	7,500	7,038	7,962	1,820	1,79	1,319	2,262	1,857
Lentas	7,484	7,100	7,868	1,510	2,629	2,300	2,958	1,296
Senis	7,323	5,384	9,261	7,630	1,387	0,911	1,864	1,876
Rabugentas	7,145	6,665	7,625	1,890	2,306	1,866	2,747	1,733
Chatas	7,049	6,562	7,536	1,900	2,129	1,680	2,578	1,769
Incapacidade física	6,855	6,300	7,41	2,190	1,475	1,085	1,866	1,523
Coitadas	6,774	6,095	7,454	2,680	1,806	1,316	2,297	1,932
Alzheimer	6,689	6,163	7,215	2,050	1,258	0,865	1,651	1,546
Confusas	6,548	6,043	7,054	1,990	2,500	2,113	2,887	1,523
Calmas	6,516	6,017	7,015	1,960	7,032	6,603	7,461	1,689
Dementes	6,323	5,824	6,822	1,970	1,081	0,739	1,423	1,346
Não excitáveis	6,311	5,753	6,870	2,180	2,452	2,024	2,880	1,686
Desorientadas	6,161	5,561	6,761	2,360	2,113	1,745	2,481	1,450
Sagazes	6,098	5,574	6,623	2,050	7,246	6,791	7,701	1,776
Sociáveis	5,984	5,498	6,469	1,910	8,177	7,808	8,547	1,454
Intuitivas	5,887	5,275	6,499	2,410	6,246	5,765	6,727	1,877
Mentoras	5,871	5,296	6,446	2,270	6,677	6,242	7,113	1,716
Incapacidade intelectual	5,629	5,140	6,118	1,930	1,613	1,042	2,184	2,250
Astutas	5,508	4,995	6,022	2,010	7,355	6,954	7,756	1,580
Decrépitas	5,393	4,816	5,970	2,250	1,306	0,940	1,673	1,444
Realizadas	5,371	4,869	5,873	1,980	8,210	7,839	8,581	1,461
Moribundas	5,048	4,461	5,636	2,310	0,9520	0,622	1,281	1,299
Trabalhadoras	5,016	4,441	5,591	2,270	8,161	7,713	8,61	1,767
Inúteis	4,968	4,247	5,689	2,840	0,935	0,642	1,229	1,158
Incompetentes	4,887	4,258	5,516	2,480	1,721	1,308	2,135	1,614

cont. →

← cont.

Atributo	Estereotipicidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Divertidas	4,871	4,330	5,412	2,130	8,419	8,077	8,762	1,350
Instruídas	4,823	4,305	5,340	2,040	8,484	8,094	8,873	1,534
Esclarecidas	4,532	4,031	5,033	1,970	7,565	7,070	8,059	1,947
Alertas	4,500	4,025	4,975	1,870	6,387	5,970	6,804	1,643
Saudáveis	4,452	1,265	7,638	12,550	9,016	8,625	9,408	1,542
Expansivas	3,984	3,518	4,449	1,830	6,629	6,173	7,085	1,795
Bonitas	3,71	3,181	4,239	2,080	8,565	8,101	9,028	1,825
Criativas	3,565	3,085	4,044	1,890	7,855	7,434	8,276	1,658
Vontade de melhorar	3,459	2,992	3,926	1,820	8,161	7,732	8,591	1,691
Cuidam da aparência	3,339	2,803	3,875	2,110	7,532	7,109	7,956	1,667
Independentes	3,290	2,784	3,797	1,990	7,806	7,276	8,336	2,087
Activas	3,274	2,734	3,815	2,130	8,21	7,766	8,653	1,747
Fumam	2,903	2,373	3,433	2,090	3,097	2,516	3,678	2,288
Aventureiras	2,548	2,089	3,007	1,810	6,774	6,327	7,221	1,759
Irresponsáveis	2,361	1,872	2,849	1,910	1,484	1,078	1,889	1,597
Precipitadas	2,180	1,748	2,613	1,690	3,258	2,792	3,725	1,837
Rápidas	2,145	1,781	2,510	1,440	7,177	6,817	7,538	1,420
Drogam-se	1,000	0,552	1,448	1,760	0,952	0,558	1,346	1,552

Apêndice 5

Atributos que os participantes idosos consideram como culturalmente associados às pessoas idosas, segundo valores médios decrescentes de estereotipicidade

Atributo	Estereotipicidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
Avós	8,082	7,559	8,605	2,044	6,421	5,681	7,161	2,790
Experientes	7,758	7,327	8,189	1,696	7,621	7,146	8,095	1,805
Maduras	7,754	7,342	8,166	1,609	7,155	6,567	7,744	2,238
Reformadas	7,710	6,986	8,433	2,848	4,862	4,240	5,484	2,365
Conservadoras	7,542	7,077	8,007	1,784	5,245	4,572	5,918	2,441
Conselheiras	7,517	7,006	8,028	1,979	6,579	6,005	7,153	2,163
Sós	6,803	6,139	7,468	2,594	3,982	3,319	4,645	2,475
Sábias	6,770	6,316	7,225	1,774	7,036	6,414	7,658	2,301
Esquecidas	6,452	5,86	7,043	2,331	3,121	2,577	3,665	2,070
Sociais	6,271	5,764	6,778	1,946	7,263	6,783	7,743	1,808
Velhas	6,233	5,527	6,939	2,733	3,596	2,861	4,332	2,770
Declínio	6,016	5,323	6,710	2,731	2,397	1,853	2,940	2,068
Sagazes	5,898	5,351	6,445	2,098	6,776	6,193	7,359	2,217
Trabalhadoras	5,879	5,250	6,508	2,392	7,404	6,855	7,952	2,069
Lentas	5,852	5,240	6,465	2,393	3,393	2,888	3,898	1,885
Dependentes	5,839	5,239	6,439	2,362	3,421	2,819	4,023	2,267
Calmas	5,836	5,319	6,353	2,018	7,086	6,515	7,657	2,171
Astutas	5,772	5,218	6,326	2,088	6,211	5,650	6,771	2,111
Intuitivas	5,719	5,087	6,351	2,381	6,579	5,990	7,168	2,220
Esclarecidas	5,717	5,202	6,231	1,992	7,211	6,680	7,741	1,998
Rabugentas	5,677	5,071	6,284	2,387	2,759	2,241	3,276	1,967
Supersticiosas	5,644	5,003	6,286	2,462	3,228	2,661	3,795	2,138
Doentes	5,639	5,028	6,251	2,388	3,333	2,716	3,950	2,325
Instruídas	5,597	5,036	6,157	2,206	7,534	6,983	8,086	2,096
Cuidam da aparência	5,548	4,991	6,105	2,193	7,123	6,626	7,619	1,871
Realizadas	5,475	4,937	6,012	2,062	6,807	6,217	7,397	2,224
Chatas	5,295	4,630	5,960	2,597	2,561	1,987	3,135	2,163
Divertidas	5,119	4,588	5,649	2,035	7,321	6,821	7,822	1,869
Mentoras	5,098	4,574	5,623	2,047	6,614	6,086	7,142	1,989
Confusas	5,082	4,452	5,712	2,458	2,649	2,120	3,179	1,995
Expansivas	5,034	4,567	5,500	1,79	6,193	5,685	6,700	1,913
Vontade de melhorar	5,017	4,393	5,641	2,373	7,298	6,820	7,776	1,802
Incapacidade intelectual	5,000	4,365	5,635	2,413	2,638	1,932	3,344	2,687
Incapacidade física	4,817	4,214	5,419	2,332	2,393	1,814	2,972	2,163
Não excitáveis	4,767	4,100	5,433	2,580	3,579	2,945	4,213	2,390
Independentes	4,683	4,136	5,231	2,119	7,414	6,907	7,921	1,929
Alertas	4,655	4,103	5,207	2,099	5,893	5,344	6,442	2,051
Activas	4,550	4,028	5,072	2,020	7,579	7,125	8,033	1,711
Bonitas	4,259	3,612	4,906	2,461	6,776	6,177	7,375	2,279
Saudáveis	4,136	3,511	4,760	2,396	7,879	7,337	8,421	2,061
Senis	4,117	3,439	4,794	2,624	1,607	1,053	2,161	2,069

cont. →

← cont.

Atributo	Estereotipicalidade				Valência			
	Intervalo de confiança de 95%				Intervalo de confiança de 95%			
	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão	Média	Limite inferior	Limite superior	Desvio padrão
SCriativas	4,069	3,599	4,538	1,786	7,304	6,806	7,801	1,858
Decrépitas	3,933	3,241	4,626	2,68	1,603	1,116	2,091	1,854
Alzheimer	3,800	3,106	4,494	2,686	1,667	1,044	2,290	2,348
Incompetentes	3,525	2,876	4,175	2,494	2,431	1,878	2,984	2,104
Desorientadas	3,525	2,856	4,195	2,569	1,946	1,415	2,478	1,986
Dementes	3,508	2,792	4,224	2,797	1,345	0,848	1,841	1,888
Coitadas	3,441	2,768	4,113	2,582	1,625	1,184	2,066	1,647
Precipitadas	3,404	2,766	4,041	2,404	3,034	2,549	3,519	1,845
Rápidas	3,217	2,658	3,776	2,164	6,772	6,189	7,355	2,196
Inúteis	3,175	2,463	3,888	2,687	1,807	1,287	2,327	1,959
Irresponsáveis	2,786	2,118	3,453	2,492	2,052	1,464	2,640	2,235
Aventureiras	2,644	2,046	3,242	2,295	5,175	4,559	5,792	2,323
Fumam	2,517	1,995	3,039	2,021	2,544	1,944	3,144	2,260
Moribundas	2,450	1,752	3,148	2,702	1,161	0,666	1,655	1,847
Drogam-se	0,741	0,331	1,152	1,562	1,649	1,024	2,274	2,357

Referências

- Amâncio, L. (1994). *Masculino e feminino: A construção social da diferença* (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ashmore, R. D., & Del Boca, F. K. (1981). Conceptual approaches to stereotypes and stereotyping. In D. L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp. 1-35). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Augoustinos, M., & Ahrens, C. (1994). Stereotypes and prejudice: The Australian experience. *British Journal of Social Psychology*, 33, 125-141.
- Bargh, J. A., & Chartrand, T. L. (2000). The mind in the middle: A practical guide to priming and automaticity research. In H. T. Reis & C. M. Judd (Eds.), *Handbook of research methods in social and personality psychology* (pp. 253-285). New York: Cambridge University Press.
- Bargh, J. A., Chen, M., & Burrows, L. (1996). Automaticity of social behavior: Direct effects of trait construct and stereotype activation on action. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 230-244.
- Brazão, P., & Garcia-Marques, T. (2004). Valência de atributos pessoais e estereotipicalidade em relação aos *skinheads*. *Laboratório de Psicologia*, 2(1), 21-32.
- Breakwell, G. M., & Canter, D. V. (1993). Aspects of methodology and their implications for the study of social representations. In G. M. Breakwell & D. V. Canter (Eds.), *Empirical approaches to social representations*. Oxford, UK: Clarendon.
- Brewer, M., Dull, V., & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: Stereotypes as prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41, 656-670.
- Cinnirella, M. (1998). Manipulating stereotype rating tasks: Understanding questionnaire context effects on measures of attitudes, social identity and stereotypes. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 345-362.
- Coudin, G. (2002). Le vieillissement ou l'ajustement au déclin de la santé. In A. Colin (Ed.), *Santé et vieillissement: Approche psychosociale* (pp. 83-139). Paris.
- Cuddy, A. J. C., Norton, M. I., & Fiske, S. T. (2005). This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues*, 61(2), 267-285.

- Devine, P. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.
- Dijksterhuis, A., Aarts, H., Bargh, J. A., & Van Knippenberg, A. (2000). On the relation between associative strength and automatic behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 36, 531-544.
- Fernandez-Ballesteros, R. (1992). *Mitos y realidades sobre la vejez y salud*. Barcelona: S.G. Editores y Fundación Caja de Madrid.
- Hagestad, G. O., & Uhlenberg, P. (2005). The social separation of old and young: A root of ageism. *Journal of Social Issues*, 61(2), 343-360.
- Hess, T. M., Hinson, J. T., & Statham, J. A. (2004). Explicit and implicit stereotype activation effects on memory: Do age and awareness moderate the impact of priming? *Psychology and Aging*, 19(3), 495-505.
- Hogg, M. A., & Abrams, D. (1988). *Social identifications*. London: Routledge.
- Hort, B. E., Fagot, B. I., & Leinbach, M. D. (1990). Are people's notions of maleness more stereotypically framed than their notions of femaleness? *Sex Roles*, 23, 197-212.
- Hummert, M. L. (1990). Multiple stereotypes of elderly and young adults: A comparison of structure and evaluation. *Psychology and Aging*(5), 182-193.
- INE [Instituto Nacional de Estatística]. (2002). Destaque INE: O envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e sócio-económica recente das pessoas idosas. Retirado em 10.2.2004 de www.ine.pt.
- Kerlinger, F. N., & Lee, H. B. (2002). *Investigación del comportamiento: Métodos de investigación en ciencias sociales* (M.-H. I. Editores, Trans. 4ª ed.). México: McGraw-Hill/Interamericana Editores, S.A. de C.V.
- Kite, M. E., Deaux, K., & Miele, M. (1991). Stereotypes of young and old: Does age outweigh gender? *Psychology and Aging*, 6, 19-27.
- Kite, M. E., Stockdale, G. D., Whitley, B. E., & Johnson, B. (2005). Attitudes toward younger and older adults: An updated meta-analytic review. *Journal of Social Issues*, 61, 241-266.
- Kite, M. E., & Wagner, L. S. (2002). Attitudes toward older adults. In T. D. Nelson (Ed.), *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 129-162). Cambridge: MIT Press.
- Krueger, J. (1996). Personal beliefs and cultural stereotypes about racial characteristics. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(3), 536-548.
- Levy, B. (1996). Improving memory in old age through implicit self-stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(6), 1092-1107.
- Levy, B. (2000). Handwriting as a reflection of aging self-stereotypes. *Journal of Geriatric Psychiatry*, 33, 81-94.
- Levy, B., Ashman, O., & Dror, I. (1999-2000). To be or not to be: The effects of aging self-stereotypes on the will-to-live. *Omega: Journal of Death and Dying*, 40, 409-420.
- Levy, B., Hausdorff, J., Hencke, R., & Wei, J. Y. (2000). Reducing cardio-vascular stress with positive self-stereotypes of aging. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 55B, 205-213.
- Levy, B., & Langer, E. (1994). Aging free from negative stereotypes: Successful memory in china and among the american deaf. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 989-998.
- Leyens, J. P., Yzerbyt, V., & Schadron, G. (1994). *Stereotypes and social cognition*. London: SAGE Publisher.

- Madey, S. F. (2000). Toward a social psychology of aging. *Basic and Applied Social Psychology*, 22(3), 133-135.
- Matlin, M. W. (2004). *The psychology of women* (5th ed.). Belmont, CA: Wadsworth.
- Neto, F. (1992). Estereótipos etários: Abordagem intercultural. *Psychologica*, 8, 81-94.
- Paúl, C. (2002). Estereótipos sobre idosos. *Cidade Solidária*, 5, 50-56.
- Perdue, C. W., & Gurtman, M. B. (1990). Evidence for the automaticity of ageism. *Journal of Experimental Social Psychology*, 26, 199-216.
- Santamarina, C., López de Miguel, P., Ugarte, P. L., & Abrisqueta, V. M. (2002). *Percepciones sociales sobre las personas mayores*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Assuntos Sociales, Secretaria Geral de Assuntos Sociais, Instituto de Migraciones y Servios Sociales.
- Schmidt, D., & Boland, S. (1986). Structure of perceptions of older adults: Evidences for multiple stereotypes. *Psychology and Aging*, 1, 255-260.
- Shih, M., Ambady, N., Richeson, J. A., Fujita, K., & Gray, H. M. (2002). Stereotype performance boosts: The impact of self-relevance and the manner of stereotype activation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 638-647.
- Simões, A. (1985). Estereótipos relacionados com os idosos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XIX, 207-234.
- Sontag, S. (1979). The double standard of aging. In J. Williams (Ed.), *Psychology of women* (pp. 462-478). New York: Academic Press.
- Spears, R., Oakes, P. C., Ellemers, N., & Haslam, S. A. (Eds.). (1997). *The social psychology of stereotyping and group life*. Oxford and New York: Blackwell.
- Stangor, C., & Lange, J.E. (1994). Mental representations of social groups: Advances in understanding stereotypes and stereotyping. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 26, pp. 357-416). San Diego, CA: Academic Press.
- Stein, R., Blanchard-Fields, F., & Hertzog, C. (2002). The effects of age-stereotype priming on memory performance in older adults. *Experimental Aging Research*, 28, 169-181.
- Tajfel, H. (1978). Interindividual behaviour and intergroup behavior. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups studies in the psychology of intergroup relations. European monographs in social psychology* (vol. 14). Londres/Paris: Academic Press/Maison des Sciences de l'Homme.
- Vala, J. (1997). Representações sociais e percepções intergrupais. *Análise social*, 28, 887-919.
- World Health Organization (2002). *Active ageing: A policy framework* [versão electrónica]. Geneva: World Health Organization.